

Iconografia musical dos meios de comunicação de massa: A Rádio Gazeta de São Paulo (Brasil)¹

Juliana Marília Coli - colijuliana@gmail.com
Musimid e CMU -Unicamp

A Rádio Gazeta - “Emissora De Elite”:

Templo e vitrine social/cultural da elite paulistana

Em 1943 a Rádio Educadora da cidade de São Paulo é adquirida por um notório empresário paulistano, Cásper Líbero, e passa a se chamar Rádio Gazeta, tornando-se uma das mais respeitáveis emissoras da época e chegando a ser chamada de "Emissora de Elite", por sua programação diferenciada e pelo cerimonioso tratamento de seus locutores para com o seus ouvintes.

A Rádio Gazeta de São Paulo, que se notabilizou por sua rica e intensa programação musical ao vivo, representou um modelo de formação e de inserção dos músicos eruditos para o mercado musical e contava um rico *cast* de artistas constituído de uma orquestra sinfônica, um coral, músicos e cantores solistas, alguns poucos ainda vivos.

¹ Este *paper* é parte do relatório técnico-científico de pós-doutorado realizado no Instituto de Artes da Unicamp-SP entre 2009/2010 com financiamento do CNPq e que hoje se vincula ao subprojeto que integra o Projeto do Edital Universal (CNPq) coordenado pela Profa Dra Heloísa de Araújo Duarte Valente: “*Uma musica dolce suonava....:memória e nomadismo na canção ítalo-paulistana*”, junto ao MusiMid - Centro de Estudos de Música e Mídia.



Foto 1 – Soirrè de Gala – 1959

Por isso, mais do que o resgate de uma instituição que fez história na cidade de São Paulo e que inovou em vários campos dos meios de comunicação de massa no Brasil, os estúdios da Rádio Gazeta e seu auditório, abrigados pela fundação Casper Líbero, representaram a *institucionalização de uma nova estética* na produção e difusão musical erudita e do início de muitas carreiras de artistas que fizeram e ainda fazem a história da música erudita brasileira, como é o caso da soprano Niza de Castro Tank².

² A ênfase dada aos relatos e à memória de uma das cantoras da Rádio Gazeta deve-se ao fator notoriamente representativo de suas atuações artísticas nos programas da Rádio Gazeta. Ambas as artistas tiveram intensa atuação artística, cultural e social, não somente na Rádio Gazeta, estendendo-se aos ambientes culturais da cidade de São Paulo (Teatro Municipal e salas de concertos da cidade), em cidades do interior de São Paulo (com ênfase na cidade de Campinas-SP) e também na Itália (Teatro San Carlo de Napoli, com elenco inteiramente brasileiro com a ópera O Guarany de Carlos Gomes).



Foto 2 – Niza canta na Rádio em 1960.

Auditório e programação musical erudita - “Cortina Lírica”

O auditório da Rádio Gazeta representava uma espécie de espelho social, vitrine para a aspiração de distinção social. Ao espectador era dada a oportunidade para a participação do mundo dos distintos sociais.

O ambiente luxuoso, o traje formal e a disciplina, exigências para a entrada no auditório, transformam-no em um verdadeiro teatro, reforçando ao mesmo tempo a tradição aristocrática e impulsionando ao lado da música popular brasileira, a popularização da ópera enquanto novo instrumento tecnológico de difusão de possibilidades de lazer urbano.

A *Cortina Lírica* era um grande programa dos sábados à noite, e uma das principais atrações de toda a programação da emissora, juntamente com *Soirée de Gala*. Na maioria das vezes apresentava óperas originalmente curtas ou compactadas. Mas durante algum tempo, chegou a transmitir óperas de maior

duração na íntegra, conforme atesta a vasta documentação histórica do Jornal *A Gazeta*, como anunciado, por exemplo, em 30 de abril de 1946, informando que a ópera *Madama Butterfly* seria transmitida integralmente.

O programa consistia em encenações cantadas de diversos trechos de ópera com um coro de 40 pessoas e um *cast* com grandes nomes, tais como o de Agnes Ayres, Constantina Araújo, José Perrota, Paulo Fortes e Niza de Castro Tank (nossa entrevistada) – esta última, considerada uma das revelações da rádio. O *cast* também contava com nomes da música popular, e todos eram considerados os melhores artistas do país de toda a história da música brasileira.



Foto 3 – Niza de Castro Tank e o tenor da Manrico Patassini.

O *cast* de excelência e a memória da soprano Niza de Castro Tank³

A Rádio Gazeta contava com um *cast* de excelência onde 50% (solistas e coro lírico) eram estrangeiros, principalmente italianos recrutados pelo maestro Armando Belardi, através de um importante empresário de ópera que atuou no Teatro Municipal de São Paulo entre as décadas de 70 e 80, o Sr. Alfredo Gagliotti.⁴

³ Os dados sobre Niza de Castro Tank e a Rádio Gazeta foram extraídos de uma série de entrevistas com Niza além de análise de documentação em seus arquivos pessoais.

⁴ Cf. Coli, 2006.

Niza de Castro Tank inicia sua carreira como contratada exclusiva da Rádio Gazeta e em menos de um ano, torna-se uma das referências nacionais da excelência em voz belcantística, ao lado de artistas como Bidu Sayão, dentre outras grandes sopranos brasileiras.

Em Janeiro de 1954 e com apenas 24 anos de idade e dois de estudo de canto, Niza apresenta-se ao Maestro Antônio Belardi, relatando-nos suas dificuldades iniciais em superar algumas das barreiras sociais próprias de quem ainda não pertence oficialmente ao campo da música erudita.

Quando Niza é contratada pela Rádio Gazeta, depara-se com grandes cantoras já consagradas, tais como: Agnes Ayres, Josephina Spagnolo, Lucia Quinto, etc. Estas cantoras, muitas das quais já eram consagradas com premiações nacionais e com carreira internacional, como foi o caso de Agnes Ayres e de Constantina Araújo, permitiram à Niza uma oportunidade ímpar de iniciar seus estudos aprofundados em técnica vocal operística através de um alto referencial auditivo dessas cantoras, de uma concepção estética vocal do *bel canto* e de estilo de repertório veiculados por esses professores e pelos maestros de coro tais como: 1- Salvator Frantantonio; 2- Antonio Sergi (Totó); 3- Orestes Sinatra; 4- Conrado Munizzi e 5- Emília Vidali.

A Rádio Gazeta parece ter sido para Niza Tank uma verdadeira escola que permitia ao seu *cast* artístico, especialmente o *cast* lírico, aprender as óperas, ouvi-las em sua fonoteca, repassar as partes de solo e com o coro, através dos pianistas preparados somente para a co-repetição além das audições pós - concerto que aconteciam na sala do próprio maestro com sua avaliação ou reprovação.⁵

Quando entrou na Rádio, Niza compartilhava seu trabalho com um *cast* já de excelência, em meio a outros sopranos ligeiros (sua voz) formado por belíssimas vozes escolhidas cuidadosamente pelo maestro Belardi tais como a grande soprano Agnes Ayres, Josephina Spagnolo, Neid Thomaz, Lia Fêde e Lucia Quinto. Tinha ainda como tenores: Bruno Lazzarini, Assis Pacheco, Manrico Patassini, Sergio Albertini, os barítonos: Luiz Saccomani, Costanzo Mascitti, Joaquim Villa, Paulo Fortes, Fernando Teixeira e Andrea Ramos, os baixos: José Perrota, Benito Silva, para citarmos apenas alguns dos nomes do *cast* fixo

⁵ Entrevista com Niza de Castro Tank em 2009.

pertencente à Rádio segundo as recordações de Niza, sem contar com os cantores contratados da Itália e aqueles que, em *tournê* pelo Brasil, apresentavam-se na Rádio (como foi o caso de Beniaminio Gigli).

Niza foi uma jovem que teve a convicção e coragem de quebrar dois tabus para o campus musical artístico e social: o de apresentar-se sem nenhuma indicação, diretamente ao diretor artístico da Rádio, pleiteando um emprego no *cast* fixo e o de superar as fortes barreiras de família, calcadas no tradicionalismo e em uma visão onde a mulher deveria ser a representação de valores familiares, de certo modo, antagônicos aos valores apresentados pelo mundo artístico. E ainda neste ínterim, Niza representou toda uma gama de artistas ansiosos por um processo de profissionalização, portanto de reconhecimento político e social no Brasil de então.



Foto 4 – Barbeiro de Seviglia – 1959: Enrico Costanzo Mascitti (B), Raimondo José Perrotta (BS), Maestro Armando Belardi, Niza de Castro Tank (S), Leonilde Provenzano (MS), e Edoardo Bruno Lazzarini (T)

O tripé representado pela Rádio Gazeta, o Conservatório de São Paulo e o Theatro Municipal, todos sob a direção artística direta do maestro Belardi, fundamentou um importante processo de produção, formação e difusão do

campus musical erudito na cidade de São Paulo, agregando-se a este ainda, o Jornal “*A Gazeta*” que, através de suas críticas semanais, formatava e afirmava a veiculação de uma concepção estético/musical e vocal operística no ambiente musical na cidade de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1960.

Deste modo, a Rádio não somente atuou como produtor musical e de artistas (*star system*) como se tornou um veículo criador e mantenedor de um monopólio estético/cultural/social das relações no ambiente musical paulistano. A Rádio Gazeta ganha, desta forma, uma função social que se manifesta neste momento, como uma nova forma de produção musical que mescla um novo meio de veiculação da estética musical operística mais ampla e mais democrática do que o ambiente do próprio teatro mantendo em seu conteúdo uma estética tradicional baseada na ópera de repertório.

A chegada da televisão e o fim da “era dos artistas do rádio”

No ano de 1960 anuncia-se a demissão de todo o *cast* e orquestra da rádio em um jantar de despedida que aconteceu no próprio restaurante da rádio. Este fato provocaria uma substancial mudança no teor da programação musical da Rádio Gazeta que passa então a ser feita somente com gravações de discos.

Em 15 de Junho de 1960, o Jornal *A Gazeta*, anuncia de forma polida e superficial o fechamento dos estúdios da Rádio Gazeta não deixando transparecer os reais problemas de ordem econômica, de audiência ou comercial da rádio, em meio a uma concorrência que incluía também a televisão. A rica programação musical da rádio, até então executada por seus corpos estáveis, dá lugar aos discos, e parte de seus cantores líricos são absorvidos pelos corpos estáveis do Teatro Municipal de São Paulo:

Agora, para poder cumprir com maior rigor o seu programa, a RADIO GAZETA acaba de consagrar inteiramente os seus horários às gravações e ao informativo. Quanto à música, que é o objetivo primordial da PRA6, verificou-se que, ainda em nosso país, o melhor que se pode obter é através dos discos, em face da televisão. Vários musicistas de renome aplaudiram a resolução dos diretores da Rádio Gazeta, que vai dessa maneira prosseguir, com muito mais possibilidades, naquele programa para o qual nasceu: dar aos ouvintes, a par do noticiário selecionado, a

melhor música do mundo por meio da execução de orquestras, coros e virtuosos de fama nacional e internacional.

A Rádio Gazeta, enquanto meio de comunicação de massa, que produz e difunde a estética operística no país, tornou-se também a maior instância consagradora da música erudita nos anos 40, 50 e 60. Como peça chave de um complexo *locus* da música erudita brasileira, criou ao mesmo tempo um *habitus* no sentido dado por Bourdieu, que mesclava elementos tradicionais em um novo meio que vinha de encontro com os projetos políticos e econômicos de modernidade da cidade de São Paulo.

O peso determinante que a Rádio detinha neste período para a carreira dos artistas da música erudita, era muito maior do que os teatros e as salas de concertos. Embora ainda ancorada na tradição paternalista e do “*contrato de bazar*”, dos teatros italianos, a Rádio era uma forma nova, que permitia ampliar sua difusão e vir de encontro com as aspirações de consumo de uma classe média nascente.

Deste modo, os programas de música erudita representaram uma forma de difusão moderna, em um formato tradicional e muitas vezes quase amador. Acompanhando o próprio momento de profissionalização da rádio, os programas de música erudita, tiveram assim seu fim quando os objetivos da rádio tornaram-se estritamente comerciais e a manutenção dos *casts* artísticos e de uma programação de “alto nível” tornou-se inviável financeiramente e comercialmente.

Atentamos para um momento onde a profissionalização dos músicos deu-se contraditoriamente em um contexto mais amador e vinculado a formas pretéritas de relações comerciais (patrocínios e mecenato), desestabilizado posteriormente pelo processo de racionalização técnica da rádio e substituição de uma organização patronal arcaica para uma organização técnica racional.

A programação da Rádio Gazeta era uma forma moderna de mecenato de artistas, produções operísticas e de concerto inéditos, atuando também como produtora de artistas e de espetáculos do Theatro Municipal de São Paulo, já que o maestro Belardi era também o diretor artístico daquela instituição.

A chegada da TV no final da década de 60 parece suplantiar o antigo projeto humanista e de modernização da São Paulo de então, que contemplava interesses educacionais em todas as áreas, especialmente as produções musicais

eruditas nas rádios locais, tornando-o obsoleto e economicamente inviável para as novas formas de patrocínios pautadas por fatores estritamente comerciais e de audiência de suas programações.

Bibliografia

- Bellardi, 1986. A. *Vocação e arte: memórias de uma vida para a música*. São Paulo: Casa Manon.
- Caldas, W. 1995. *Luz neon: canção e cultura na cidade*, São Paulo, SESC – Estúdio Nobel.
- Cerqueira, P. de C. 1954. *Um século de ópera em São Paulo*. São Paulo: Guia Fiscal.
- Coli, J. M. 2006. *Vissi d'arte: por amor a uma profissão*, São Paulo, Annablume.
- _____. 2010. *Media e profissão artística: Investigações sobre as influências da Rádio Gazeta na Produção, Difusão e Consolidação do Mercado profissional para a música erudita e a ópera em São Paulo (Brazil) nas décadas de 1960 e 1970. Relatório técnico-científico Pos-Doutoramento Júnior (CNPq)*. Campinas, Centro de Memória (Unicamp).
- Guerrini Jr, J. 2009. *A elite no ar. Óperas, concertos e sinfonias na Rádio Gazeta de São Paulo (1943-1960)*. São Paulo, Editora Terceira Margem.
- Menger, P. M. 2005. *Retrato do artista enquanto trabalhador. Metamorfoses do Capitalismo*. Lisboa, Roma Editora.
- Miceli, S. 2005. *A noite da madrinha*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Ortiz, R. 2006. *A Moderna tradição brasileira*, São Paulo, Editora Brasiliense.

- Pereira, M. B. 2005. *Cultura e cidade: prática e política cultural na São Paulo do século xx*, tese de doutorado, PUC, São Paulo.
- Queiroz, M. I. P. de. 1995. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo. T.A. Queiroz Editor.
- Rosselli, J. 1985. *L'impresario d'opera*. Turim: EDT.
- Tinhorão, J. R. 1981. *Música popular – Do Gramofone ao Rádio e TV*. São Paulo, Editora Ática.
- Tota, A.P. 1990. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*, São Paulo, Secretaria de estado da cultura.
- Valente, H. de A. D. 1999. *Os cantos da voz. Entre o ruído e o silêncio*. São Paulo: Annablume.